

RAIZ

Cultura do Brasil

Nº 13 CARNAVAL 2024



OS CAMINHOS DO CARNAVAL

PE - O fazer da folia

BA - A Bahia em festa

RJ - Os palhaços do caos estão aqui (de novo)

SP - O samba rural paulista e a resistência negra



Paulo Ochandio

Os caminhos de quatro carnavais no Brasil



PLATAFORMA RAIZ NO AR!

PORTAIS

revistaraiz.com.br / raiz.art.br

pautas da cultura brasileira

museudoacucar.com.br

acervo virtual sobre a Civilização do Açúcar

BLOGS

brasilbomdeboca.com.br

o livre pensar sobre a cozinha e a alimentação

revistaraiz.com.br/blog

mapeamento de melhores práticas culturais de todo país, do planejamento a execução

TV RAIZ

youtube.com/@revistaraiz

centenas de programas dando voz aos mestres e produtores da cultura popular brasileira

MÍDIAS SOCIAIS

facebook.com/revistaraiz

instagram/galeriaraiz

twitter.com/revistaraiz

WIKIPEDIA

[pt.wikipedia.org/wiki/Raiz_\(revista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Raiz_(revista))

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Editorial | 06 |
| 1. O fazer de folia | 08 |
| – Pernambuco – | |
| 2. A Bahia em festa | 18 |
| – Bahia – | |
| 3. Os palhaços do caos já estão aqui (de novo) | 26 |
| – Rio de Janeiro – | |
| 4. O samba rural paulista e a resistência negra no carnaval de São Paulo | 34 |
| 5. Especial do carnaval SP | 42 |
| – São Paulo – | |
| 6. Brinque o carnaval | 46 |

ISBN: 9798878114172

Editora Revista Raiz

Foto da capa:

Douglas Mendes (Freepik)

Foto da contra capa:

Paulo Ochandio

** Utilizamos imagens feitas através de Inteligência Artificial (Bing, Nightcafe, Canva), todas editadas e manipuladas por nossa área artística, com os prompts gerados pela redação.*

*** Os artigos não refletem necessariamente a opinião da Revista Raiz.*

Editorial

A Revista Raiz não poderia ficar de fora do Carnaval, um evento que mobiliza grande parte do país e cuja origem abriga desde o princípio a cultura popular e tradicional, nas temáticas que aborda, nas fantasias que colore as ruas, nos instrumentos que pontuam as danças e passos característicos. Enfim, o carnaval é uma festa! Ou nas palavras de um de nossos articulistas: uma ilusão!

A Revista Raiz já teve a sua pauta carnavalesca, em nossa terceira edição onde a temática foi sobre os bastidores do carnaval. Agora vamos olhar as manifestações que tornam essa festa muito especial e diferenciada, com o olhar de carnavalescos e foliões de quatro estados símbolos da folia, onde não pode faltar aquela fantasia.

Raul Lody, direto de Recife, nos conta sobre o Maracatu, os Caboclinhos, os Afoxés, os Blocos Líricos, as Troças de Frevo de Pernambuco e seu carnaval de muita diversidade em manifestações artísticas e culturais. Um olhar romântico e antropológico, de quem tem o afã carnavalesco pulsando nas veias.

Do Rio de Janeiro, Fábio Pandora nos traz o carnaval dos bate-bolas que com seus pierrôs e palhaços mascarados salpicam de encantamento os subúrbios cariocas, principalmente as Zonas Norte, Oeste, e Baixada Fluminense, sempre com muito arrojo que os caracteriza.

Já em São Paulo, Henry Durante desvenda as origens do samba paulista que desemboca no carnaval de todo estado, com sua marcação diferenciada "puxada no trabalho" como escreveu Plínio Marcos. O samba rural que vem do interior, das ruas históricas de Santana do Parnaíba e invade a capital. Iniciado no Bairro da Barra Funda hoje se funde e ocupa todo o tecido urbano.

Finalizando, a Bahia não pode ficar de fora quando o tema é Carnaval e Javier Alfaya escreve de Salvador sobre os blocos e afoxés, que são a origem da folia, mas estão um pouco esquecidos da mídia.

Vista a fantasia, aumenta o som da música favorita e boa leitura!

Edgard S. Junior

Colaboradores



HENRY DURANTE
carnaval SP



JAVIER ALFAYA
carnaval BA



**MARIA TERESA
FERREIRA**



FÁBIO PANDORA
carnaval RJ



RAUL LODY
carnaval PE



**JORGE
SABINO**
fotografia



**PAULO
OCHANDIO**
fotografia

O fazer da folia

Por Raul Lody

Fotos Jorge Sabino

Aonde vai Papai Okô,

Vou brincando por aí

Vou fazer minha folia

Lá nos Filhos de Gandhi

(Letra de um dos cânticos do afoxé Filhos de Gandhi)

São muitos e diferentes os olhares sobre a festa mais livre que existe, o carnaval. Prevalece cada vez mais um olhar eletrônico, um olhar cibernético, da televisão, da multimídia, fazendo com que a festa de criação e de expressão popular seja vista e entendida pelo filtro do vídeo, da *telinha*.

Seleção de imagens, de momentos, detalhes, recursos computadorizados que dão à tevê um valor de espetáculo, condutor de emoções, formador de estéticas, que, de certa maneira, vão também orientando como se devem organizar, formar e exhibir, em especial, as escolas de samba, escolas do Rio de Janeiro, no palco-passarela do Sambódromo.

Milhares de pessoas vêm o mesmo carnaval, têm o mesmo olhar diante de importantes eventos da festa-folia, todos diante da tevê.

É a arte do carnaval voltada para o resultado da audiência, que chega pelas nacionalizações de carnavais-matrizes, como o do Rio de Janeiro, do Recife, de Olinda, do Salvador.

Ao mesmo tempo, acontecem nas ruas, no palco-rua, momentos de teatro coletivo, o teatro mais democrático de todos, o teatro-liberação do carnaval.

É também o teatro do *bloco do eu sozinho*, *blocos de sujo*, dos foliões observadores, foliões críticos, foliões travestidos, de agremiações orientadas por estéticas peculiares, de fazeres artísticos artesanais que são compartilhados entre foliões e profissionais da modelagem, da costura, da adereçaria, dos músicos, que são espírito e essência da própria festa.

Clubes de frevo, troças, *la ursa*, caboclinhos, maracatu de baque-virado, maracatu de baque-solto, boi, fofão, bloco de axé, afoxé, bloco de enredo, bandas afro, axé *music*, bandos de palhaços, cabeções, grupos de índios, desfiles de carros alegóricos, banhos de mar à fantasia, todos formando o tempo transgressor do carnaval.

Ao lado de um carnaval expressivamente *naïf*, se expressa um carnaval pós-moderno, empresarial, convivendo no mesmo espaço da *telinha*, entregue aos olhares do público via tevê do público co-participante nas ruas, nas arquibancadas, nos camarotes, nos muitos palcos da festa.

Há uma *ditadura* conceitual que determina o que é um bom desfile. Isso se dá no espaço formalizado da passarela, onde o espetacular é sempre aguardado, onde o *show* de luxo, de criatividade, de efeitos especiais, de *novidades* é cada vez mais exigido pelo público e pelos veículos de comunicação, a TV principalmente.

Os desfiles têm de fazer vibrar Dionísio e Apolo (além dos deuses greco-romanos em

essência mitológica, o carnaval faz reforçar elos sagrados entre o povo do santo – dos terreiros – com Exu, Iansã, Xangô, Oxum, orixás reverenciados nos desfiles dos afoxés e maracatus de baque-virado), de fazer acontecer a cada ano a mais exuberante ópera, a *ópera tropical* do Sambódromo. Contudo, nesse evento, a forma vai ganhando da emoção.

A burocracia dos desfiles, os rigores dos julgamentos, embora controladores ainda oferecem campo a certos *grupamentos de raiz* – porta-bandeira e mestre-sala, ala das baianas, a velha guarda, passistas, ritmistas, a própria bateria, que desenvolve o sambamarcha que conta o enredo, o *libreto da ópera tropical*.

Aderem ao processo construtivo da escola de samba desenhistas, figurinistas, escultores, iluminadores, marceneiros, ferreiros, eletricitas, costureiras, bordadeiras, cabeleiros, maquiadores, coreógrafos, programadores visuais, arquitetos, carnavalescos, todos formando a mão de obra do carnaval profissional.



Desenho de Raul Lody

Embora o sentido cada vez mais profissional e empresarial oriente a estética, o fazer e o significar das escolas de samba, vigoram ainda valores e sentimentos partidários, quase cívicos e próprios de um orgulho de Nação, fazendo com que as cores-símbolos, bandeiras e outros emblemas sejam preservados e cerimonialmente expostos em forma de desfile-teatro a cada carnaval.

Os espetáculos dos desfiles reforçam sua destinação de *ópera tropical* e, no caso dos indivíduos entregues às ruas e avenidas, não deixam de cumprir seus *libretos* personalizados, subjetivos, realizando verdadeiros solos nos cenários das multidões.

Lantejola por lantejola

Um pouco de *rouge*, batom além da conta, lápis de sobancelha acentuando feições, purpurina na pele e no cabelo, talco pelo corpo, arranjo de flores, panos, viseiras e abanos de papelão como mídias de fabricantes de cervejas; *short*, barriga de fora, bunda de fora, todas as possibilidades do corpo, tudo é possível no imaginário do carnaval.

Estar em carnaval é sentimento e ousadia. É o momento mágico desejado quando a pessoa passa a ser personagem.

Estar em carnaval é fazer e usar máscara de massa de jornal, água, cola, tinta. Estar em carnaval é programar no computador canhões a *laser*. Estar em carnaval é encarnar a carne da festa.

Tudo é visual, sensorial, sonoro, expressando movimentos, roupas, sincronias entre corpos, adereços, carros alegóricos, efeitos tradicionais e outros, de avançada tecnologia.

O carnaval tem que ser visto, ouvido, vivido.

Para construir a festa, são mobilizados milhares de profissionais e de amantes da folia. Para construir a festa tem que existir o folião.

São ingênuos, são satíricos, são anjos, são demônios, ainda os despídos, os *bem-vestidos*, os comportados, os adeptos do *mela-mela*, herdeiros dos limões-de-cheiro, os adeptos do *cheira-cheira*: loló e lança-perfume.



Esse fazer da folia é lantejoula por lantejoula. É constante adequação de materiais. Veludos, brocados, plumas, paetês, vidrilhos, cetins convivendo com isopor, metaloide, tipos de papéis diversos, novos recursos, como moldados em fibras e novas resinas, sempre tornando roupas, adereços, alegorias mais leves, monumentais e próprias para os desfiles. Também as reciclagens de diferentes materiais e reciclagens dos adereços e fantasias fazem esse imaginário efêmero e contundente.

Embora o carnaval seja uma festa do mundo cristão, o nosso carnaval é uma festa expressivamente *afro*. Por isso destaco os intercâmbios tecnológicos, de materiais, de morfologias, de cores e maneiras conceituais comuns entre artesãos de terreiros de

candomblé e artesãos que trabalham nos *barracões* das escolas de samba.

O outro processo é também verdadeiro, sentindo-se uma certa *carnavalização* de indumentárias e *ferramentas* – implementos – que formam a visualidade do orixá para as suas apresentações públicas, geralmente danças teatralizadas.

Esses intercâmbios se dão com empréstimos técnicos, como o trabalhar fibras naturais, tecidos, búzios, couros, contas, peles, madeiras, folhas metálicas, entre outros materiais.

Muitos dos artistas têm formação iniciática e técnica nos terreiros e circulam naturalmente pelo mundo do samba. Aliás, candomblé e samba formam um único conceito de ver e de interpretar os contextos afro-brasileiros, como também acontece entre o xangô e o maracatu.

**Carnaval, festa dos sentidos. Festa
para o corpo. Tempo que antecede
a quaresma.**

**Agora, tudo é carne; depois, tudo
ao espírito.**



Carnaval, um amor antigo

Quem não gosta de samba? Pois é, eu gosto – e como gosto – de samba, gostando com o mesmo fervor do frevo, do passo, do maracatu, do Olodum, do afoxé Filhos de Gandhi, do Clube de Máscaras O Galo da Madrugada, das troças que sobem e fervem as ladeiras de Olinda.

Com dedicação vivencial e intelectual, venho interpretando esses carnavais brasileiros, estando nas ruas, nas sedes das agremiações, participando dos ensaios e outros processos construtivos da festa. Alguns momentos públicos fazem do carnaval uma expressão religiosa para o Xangô e para o candomblé.

Maracatu de baque-virado e afoxé cumprem obrigações aos orixás com música, dança, cantos que são precedidos de comidas e cerimônias secretas nos santuários.

Assim, sei dos carnavais que vivem o ano todo em experiências cotidianas, culminando em ciclo puro e santo chamado folia, chamado paixão.

Vivendo um espírito de carnaval, exorcizando os exercícios burocráticos das fórmulas frias e distanciadas que tentam entender o *ethos* da festa, venho publicando, socializando resultados nesse campo do saber de cultura popular.

RAUL LODY

Formou-se em Etnografia e Etnologia pelo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, Portugal, com especialização no Laboratório Etnográfico desta Universidade e ainda no Instituto Fundamental da África Negra, em Dakar. É Doutor em Etnologia pela Universidade de Paris. Membro da Academia Brasileira de História, da Academia Brasileira de Belas Artes, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, entre outras atividades. Suas principais pesquisas antropológicas e etnológicas resultaram na publicação de dezenas de livros, centenas de artigos e do Dicionário de Arte Sacra e Técnicas Afro-Brasileiras.

EBOOKS

REVISTA RAIZ

Peça o seu!



Amazon.com



A BAHIA EM FESTA

Por Javier Alfaya

Fotos Paulo Ochandio, imagens por IA

Carnaval da Bahia, ou carnaval de Salvador? Eis um bom dilema. Prato cheio para se tentar entender um carnaval que são carnavais. Em verdade, é assim em boa parte do país. Claro que em alguns estados o fenômeno expansionista é maior e, cada vez mais, a roda carnavalesca, ou momesca, gira com mais potência, abrangência territorial, dentro e fora do município e é cada vez mais mesclado artisticamente. Mas aqui, o lance é a Bahia, ou melhor Salvador.

Vamos nessa!

Explicaremos melhor.

O carnaval da capital baiana tem marcas muito próprias e é responsável por invenções que se espalharam por todo país e lá pra fora também.

Salvador e toda sua trama cultural, tanto fisicamente, como esteticamente falando é uma motriz de incessante produtividade.

E haja inventividade.

Salvador polariza o estado e tem uma vida existencial muito vinculada a espaços sócio-estético-culturais como é o Recôncavo, isto é, as cidades ao redor que vivem da relação com a Baía de Todos os Santos, também Kirimurê, como se diz no idioma tupinambá.

Para alguma gente esse ecletismo é visto com restrições, chegou-se a cunhar o termo "axé music", como algo depreciativo. Puro bloqueio intelectual e conceito travado no tempo ou na fixidez de referências imutáveis.

O carnaval tem como uma marca sua, original inclusive e noutras geografias do outro lado do Atlântico, a quebra de padrões. A qui se radicalizou e se sensualizou a brincadeira, que de fenômeno espontâneo, ou quase, virou, também, mercadoria cultural de tonelagem pesada.

Há muita provocação e transgressão, no comportamento da massa foliona, como na reafirmação de ritmos oriundos de várias fontes, da música das cerimônias do candomblé, às bandas de sopro, pratos e bumbo de clubes e de pequenos circuitos em bairros ou nas ruas principais, passando por escalas de ska – único gênero em franca desapareição – em verdade, desaparecido na capital baiana, até os blocos de trio elétrico, os afoxés, os blocos afro verdadeiras orquestras de percussão que fazem bater o coração e vibrar o corpo todo ao ritmo do couro dos instrumentos, acompanhados, já há algum tempo, pela formação básica de baixo, guitarra, bateria e/ou teclado.

Em Salvador há de tudo musicalmente falando, ou melhor quase tudo, só falta as orquestras sinfônicas do Estado e da Universidade Federal se incorporarem.



As demais orquestras, com regente e tudo, já se integraram ao processo global que tudo absorve e recicla musicalmente por causa do carnaval. Não tocam mas estão presentes com seus musicistas e criadores se alimentando, sempre, dessa usina coletiva.

A capital baiana tem de tudo, de palco de rock, embora sendo tratado como uma espécie de concessão, pois rola longe dos circuitos centrais da folia; tem os trios de reggae; os de arrocha; de pagode; de samba puro e duro e, também o não tão duro assim; até as bandas experimentais; música eletrônica; romântica e até o forró, que se desloca desde junho, até fevereiro.

Tudo isso em aparatos andantes de todos os tamanhos e potências; desde os tsunamis sonoros, de alguns blocos/trios;

até os menores, tipo pranchão, mais próximo ao asfalto e, os já icônicos, mini-trios e micro-trios, em caminhonetes ou carros inventados; além dos da última geração automobilista-musical, os “nano-trios”, movidos com bateria de carro ou pequenos geradores. Trata-se da redução molecular mais recente, um verdadeiro desafio para a física e para os executores da música e canto.

Abaixo do nano-trio só o “eu sozinho”, ou o indivíduo com seu instrumento.



O Carnaval de Salvador é uma invenção sem fim também no campo da engenharia mecânica. Vanguarda mundial a disputar com as melhores marcas multinacionais. Tecnologia própria e com eficácia comprovada em teste duros e observados por milhões de seres animados e, ou, curiosos, alegres ou espantados.

Todo ano tem polêmica e se anuncia a decadência de um circuito dos blocos, trios ou os "pipocas". Cresce o falatório e a especulação e, ao invés disso, crescem os circuitos e se abrem novas fronteiras físicas, além do inevitável crescimento do calendário.

Do antigo cronograma de seis dias, de quinta-feira a terça-feira de noite, já se alcançou o mês de inteiro de atividades carnavalescas, sem falar com as preparatórias, que

se configuram em verdade, no carnaval em aquecimento.

Só não há circulação, mas tem a agitação e condicionamento para o evento maior.

Há sempre novos fenômenos a registrar. Os bairros populares, por exemplo, criam seus circuitos à revelia do institucional, que acabam chegando depois, para viabilizar, devido ao volume da muvuca, a exemplo do Nordeste de Amaralina.

Há ainda a experiência que sob ataque cerrado de movimentos pela democratização dos espaços públicos eram muito criticados, os badalados "Camarotes", estruturas fechadas, de acesso, algumas vezes, rocambolesco ou altamente monetizados.



O fenômeno de decadência do carnaval que chegou a se antever, em debates nas TVs e rádios, além da própria universidade e instâncias políticas e institucionais não aconteceu. O carnaval se renova e multiplica, literalmente.

Há vários carnavais lá pelo interior também, de Juazeiro, à Maragogipe, mais calcado em tradições populares, passando por eventos momescos pós período oficial, as "Micaretas", como a de Feira de Santana, a segunda cidade do Estado da Bahia.

Mas, como não podia deixar de ser há lacunas e sinais de perigo. Se há força musical inconteste e poderosíssima, há um vazio, patente, na cenografia que poderia existir, se tratada com importância; a iluminação é técnica, necessária para a

captação visual televisiva e digital. O brilho da luz não é inventivo, as luzes são um pancadão, quase de estádio de futebol. A festa é policiada pelo Polícia Militar, a Polícia Civil, e as polícias das três armas, Exército, Marinha e Aeronáutica, o que força uma reflexão sobre a tensão social e racial, óbvia, que há no eterno cotidiano.

Certa feita, alguns poucos atrás, conversava com Gilberto Gil, na sala de atendimento médico de seu camarote, o Expresso 2222, aonde se refugiava para ficar mais tranquilo e, sentados lado a lado, batendo um papo ele me confidenciava, “a periferia quer vir para o centro”; tratávamos das discussões acerca de espalhamento territorial da festa, com palcos fixos em bairros mais distantes.

Parece simpática, e justa essa discussão mas pode trazer o veneno da estigmatização e exclusão.

Lembremo-nos sempre, a periferia que vir pro centro. Em todos os sentidos, dentro ou fora do carnaval.

Axé!

JAVIER ALFAYA

Arquiteto e Mestre em Cultura e Desenvolvimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi Deputado Estadual pela Bahia e quatro vezes vereador na cidade de Salvador. É Secretário de Cultura na Fundação Maurício Grabois. Javier também é escritor e fotógrafo com diversos trabalhos publicados.



Os palhaços do caos já estão aqui (de novo)

Por Fabio Pandora

Imagens por IA, fotos Wikipedia

“Pesadelo é no esgoto

Onde a lua se quebrou

E o sol é natimorto”

(Hino da ratolândia – Clube da Miragem)

E o que é o Carnaval? É ilusão. Ponto. É sonho tangível dentro de uma amplitude gigantesca – diria até que expansiva – sobre sonhos que se fundem com a quantidade exponencial de desejos que são produzidos em massa e colocados em gôndolas todos os dias nos comerciais.

É que no Carnaval não compramos sonhos disponibilizados em uma prateleira; nós sonhamos, planejamos e então, quando percebemos, estamos apenas dando vida a eles. Às vezes sonhos, às vezes pesadelos.

E na arte de pesadelar, nada e nem ninguém se aproxima do sentimento coletivo de uma turma de bate-bolas.

Sim. É a tradução empírica do verbo pesadelar.

Por um preço, claro! Você que é legal, pode se fantasiar de vacilão e experimentar que gosto tem. Pode também ser otário e interpretar um bom samaritano.

Nem sempre se trata de paradoxos em perspectiva de degustação com quatro dias de validade.

Às vezes é sobre ser apenas alguém que você de fato gostaria de ser, isto é, se de fato fosse livre, e, ser livre, fosse algo que não considerasse o respeito à existência do próximo.



É janeiro e as turmas de bate-bolas estão quase prontas. Bandeira e bexiga é guerra. Sombrinha e bicho de pelúcia é paz. Essência de morango para disfarçar o cheiro inevitável de suor que fica impregnado ao traje mais que pesado, imediatamente depois do primeiro dia de Carnaval sob o quase trágico efeito do verão carioca somado a muitas e muitas dezenas de metros de cetim. Os últimos detalhes estão sendo repassados.

Pares de tênis mais caros e mais recentes serão adquiridos na antepenúltima semana antes do Carnaval. São quesitos de uma competição: Ostentações. E nem sempre toda essa ostentação é fruto de trabalho lícito. Em 1998, os "Filhos de Memnoch" de Madureira, sequestraram o primogênito de um famoso proprietário de uma rede de padarias do subúrbio com o objetivo de custear todos esses luxos.

Só que no Rio de Janeiro parceiro, ninguém tá de bobeira, e, pela metade do valor do resgate, o empresário recrutou uns mercenários que não só resgataram o rapaz do cativo, como também mataram todos os responsáveis pelo crime. Não necessariamente nesta ordem. E nada disso saiu nos jornais.

Agora todas as fantasias já estão prontas. É janeiro como eu disse. Buás, marabus, cetim e meias personalizadas. Eles estão prontos. E vão de bandeira e bexiga. A Agunia – com “u” – que foi alçada a superestrela das turmas com série de TV no canal Space, Gorila – sem o “s” – de Madureira, Irritação e as outras mais de mil turmas, já estão no esquentado.

Prontas para o grande dia da estreia entre fogos e tiros na hora que os portões dos barracões e galpões forem abertos. Vão à guerra. “Saudações a quem tem coragem. Aos que estão aqui pra qualquer viagem” (*Barão Vermelho. Pense e dance*). Todos rumo à meca dos bate-bolas então: O bairro de Marechal Hermes. Fica localizado no subúrbio do Rio de Janeiro e também é famoso por suas batatas fritas gigantes vendidas por vinte Reais. Tornou-se tradicional reduto para a estreia no Carnaval de todas as turmas, graças à iniciativa de seu Magalhães, que por volta de 1980, bolou a ideia de um concurso para premiar a turma de bate-bolas mais chocante.

O epicentro das guerras. Um universo de fato. Paralelo?

Sim!

A capital de uma subcultura que estabelece concessões inimagináveis, como por exemplo, um policial militar radical ao lado de um famoso líder de uma facção criminosa. Médicos, açougueiros, motoristas de ônibus, estelionatários...



Todos ali, unidos e protegidos ao mesmo tempo, pelo anonimato das máscaras feitas sob encomenda ou compradas prontas, estão seguros para viver a paixão de ser bate-bola.



É 2024, as temáticas deste ano retratarão majoritariamente temas voltados à guerra no Oriente Médio. Então vamos lá!

“Desentoca as bandeiras e bexigas

Porque o destino é Madureira

Pegar o Gorila

Lá vai ter guerra

Lá vai ter tiro”.

Em 2012 os bate-bolas foram declarados patrimônio cultural de natureza imaterial da cidade do Rio de Janeiro pelo poder executivo municipal.

FABIO PANDORA

Ou simplesmente Fabio Juramento? Oriundo da comunidade do Morro do Juramento. Sagrou-se campeão de galeras em bailes Funk de corredor no lendário ginásio do Madureira Esporte Clube por duas vezes. Foi diretor de Relações Públicas, Assessor de Imprensa e funcionário administrativo do Grêmio Recreativo Sócio Cultural Torcida Organizada Young Flu do Fluminense por três legislaturas. É vocalista do grupo de Samba Gótico Clube da Miragem. Amante apaixonado e inveterado do amorfo, do “quase lá”. Fã ardoroso de Marc Chagall, Neil Gaiman e Cartola. É autor do livro “Kamikazes em nome da paixão. Uma história sobre torcidas organizadas”, (eBook Revista Raiz, 2016). Tem um trabalho autoral com Gil de Carvalho (compositor de Bezerra da Silva) de nome “O amor é o que sobra da paixão”.



Conheça o

MAD

MUSEU DO ACÚCAR E DOCE

E prove um Filhós,
o doce do Carnaval
e outras mostras da
Civilização do Açúcar

museudoacucar.com.br

O samba rural paulista e a resistência negra no carnaval de São Paulo

Por Henry Durante

Fotos Wikipedia, Acervo Mário de Andrade, Paulo Ochandio

O carnaval paulista, sobretudo o de sua capital, vem há alguns anos se reinventando e hoje a festa paulistana reúne centenas de blocos e milhões de foliões para brincar o carnaval de rua, revertendo a lógica onde muitos preferiam abandonar a cidade durante a folia.



Este fenômeno recente em muito tem contribuído para o exercício da cidadania cultural, observada na multiplicidade de atores e formas de brincar o carnaval que emergem da folia paulistana lançando luz sobre questões tais como o direito à ocupação das ruas e a insurgência de corpos políticos e identidades que rompem fronteiras e cordas em um embate simbólico contra uma cidade que historicamente impõe aos festejos populares o controle, a racionalidade instrumental e a lógica burocratizante.

Embora ainda com muitos tensionamentos com o poder público, para uma parte da população o carnaval paulistano vem se constituindo como uma possibilidade de vivência de diversidade de formas de expressão, e isto é realmente muito positivo.

Nesse contexto, porém, uma importante questão vem à tona: que espaço ocupa a cultura negra no Carnaval paulistano?



Em um dos anos recentes, das centenas de blocos inscritos no Carnaval, apenas quatro se autodeclaravam como representantes da cultura negra. Entretanto, uma breve curta em alguns blocos paulistanos, pode-se vivenciar desde o maracatu ao axé, passando pelo jongo, a ciranda e o frevo.

Observando-se livremente a variante racial nas manifestações, porém, nota-se a presença negra apenas nos ritmos e, perversamente, na imensa maioria de vendedores ambulantes, delineando o acirramento de um processo histórico de apropriação e expropriação cultural marcado pela produção da cultura negra sem negros em que, como ressalta José Jorge de Carvalho, lembrando do Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade, "só me interessa o que não é meu".

Ao mesmo tempo, na Cidade de São Paulo, as escolas de samba, agremiações que, como lembra o sociólogo e sambista negro Tadeu Kaçula, são "espaços de sociabilidade e resistência negra", não são historicamente consideradas pela oficialidade como objetos de políticas públicas, o que faz com que muitas sejam submetidas ao processo de exclusão que as empurra para debaixo dos viadutos.

É justamente no local onde hoje se encontra um viaduto, no final da Avenida Pacaembu, no bairro da Barra Funda, onde localizamos o símbolo do apagamento da cultura negra como formadora do carnaval de São Paulo. Neste local, no início do século XX localizava-se o Largo da Banana, antigo entreposto comercial.

O Largo da Banana foi o local de encontro entre os negros que chegavam com os trens trazendo as mercadorias do interior paulista – por conta da estrada de ferro que ligava Jundiaí a São Paulo – e aqueles que aqui já se encontravam nos bairros da Barra Funda, Campos Elíseos, Glicério, Aclimação, Bela Vista, entre outros. Nos intervalos entre os trens tocava-se o samba e jogava-se a tiririca, espécie de capoeira de pernada executada também ao som do samba batucado em caixotes.

O samba tocado pelos trabalhadores negros no Largo da Banana foi cunhado por Mário de Andrade como “samba rural paulista”, identificado também como samba campineiro, samba de bumbo, samba lenço, samba caipira e outras denominações, de acordo com o local onde é executado, e desempenhou

importante papel na formação do samba paulistano, sobretudo por conta da peregrinação de sambistas da Capital à Festa do Bom Jesus, na cidade de Bom Jesus de Pirapora, originada pela crença em milagres atribuídos à imagem do Senhor Bom Jesus encontrada nas águas do Rio Tietê em 1725, o que fez com que se tornasse ponto de uma intensa peregrinação de devotos, romeiros e piraporeanos.

Geralmente, identificavam-se como devotos e romeiros os indivíduos brancos, advindos de inúmeras cidades, que participavam das atividades religiosas “oficiais” da Festa do Padroeiro para cumprirem promessas e se hospedavam nos hotéis. Já como piraporanos eram chamados os negros, embora viessem de cidades tais como Campinas, Piracicaba, Tietê e Rio Claro, entre outras.



Estes passaram a realizar uma festividade paralela nos barracões, mantidos pelos padres, onde se hospedavam e se alimentavam. Nos dias em que ali permaneciam, os diversos "batalhões" negros advindos de diversas localidades do interior paulista se "desafiavam" por meio dos cantos improvisados, marcados pela presença do bumbo e outros instrumentos de percussão.

Um dos fatores deste processo foi o fluxo de mão de obra escravizada para a região durante os séculos XVIII e XIX, decorrente de fatores tais como o declínio das plantações de café do Vale do Paraíba Fluminense e Paulista e anteriormente das áreas produtoras de açúcar no Nordeste. Tais fatos, somados aos efeitos da Lei Eusébio de Queirós, de 1850, proibindo o ingresso de escravos no Brasil, fizeram aumentar o tráfico ilegal

interno para as fazendas de café da região chamada antigamente de "Oeste paulista".

Como um dos resultados deste fluxo, temos a formação do samba rural paulista, fruto da incorporação do bumbo, de origem ibérica, à musicalidade dos negros bantos, os quais adaptaram o modo de tocar o instrumento à rítmica africana, rica em síncopas e polirritmias.

A partir da reunião dos negros no Largo da Banana e adjacências, tiveram origem os cordões paulistanos, os quais tinham primeiramente a mesma instrumentação do samba de bumbo das festas de Pirapora (principalmente bumbo, caixa e chocalho), - a exemplo do Grupo Carnavalesco Barra Funda, que, liderado por Dionísio Barbosa, desfila pelo bairro no ano de 1914 – antes de incorporarem elementos do carnaval das "elites" e do Rio de Janeiro.



Ao contrário do apagamento da presença negra que vem sendo observada no carnaval paulistano, o samba rural paulista se mantém como cultura de resistência em grupos tais como o Samba de Roda de Pirapora, o Samba de Dona Aurora (Vinhedo, SP), o Samba Lenço de Piracicaba, grupo Samba Caipira Filhos de Quadra (Quadra, SP), Samba Lenço de Mauá, entre outros.

Em Santana de Parnaíba, além da centenária festa realizada pelo grupo Samba do Cururuquara anualmente no mês de maio, o Carnaval tem no samba rural paulista um elemento de engajamento de jovens e tradicionais sambadores e sambadoras que mantêm pujante o samba negro alternando-se em várias noites sob a batida possante dos bumbos dos grupos Vovô da Serra do Japi, Pé Vermeio, Grito da Noite, Galo Preto e Galo Garnizé, mantendo viva a memória de ícones do samba paulista como o lendário Henrique Preto.

Henry Durante

Doutor pelo Programa de Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, Mestre em Ciências pelo Programa de Mudança Social e Participação Política da EACH-USP, Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e em Gestão Cultural Pela Universitat de Girona, Espanha/Cátedra Unesco para Cultura e Desenvolvimento, graduação em Biblioteconomia e Documentação pela ECA-USP.

Poeta, letrista, músico, fotógrafo, produtor cultural e produtor fonográfico. Criador do Selo Candombe Cultura e Arte e do portal Projeto Acervo das Tradições (www.acervodastradicoes.com.br).

Especial do Carnaval SP

Da Redação

Fotos Acervo Casa Mário de Andrade, Casa Guilherme de Almeida e Casa das Rosas

O samba-enredo da escola de samba Mocidade Alegre vem em homenagem a Mário de Andrade no Carnaval 2024.

Não por acaso, o samba-enredo desta tradicional agremiação carnavalesca paulista começa citando as cidades de Pirapora e Parnaíba, os berços do samba de São Paulo.

O enredo celebra as viagens que o modernista realizou pelo Brasil.

Reproduzimos a seguir a letra que descreve as missões de pesquisa folclórica que Mário de Andrade realizou em 1938 por todo país.

Sua pesquisa gerou mais de 20 mil registros e documentos.

Até hoje, um dos mais importantes resguardos da cultura tradicional e popular brasileira.



Mário de Andrade no Samba de Bumbo em registro de Lévi-Strauss

G.R.C.E.S. Mocidade Alegre Samba-Enredo 2024

Brasília Desvairada: A Busca de Mário de Andrade por um País

Ê Pirapora

Parnaíba que vai bem

Pirapora vale um conto

Parnaíba um conto e cem

Parnaíba um conto e cem

Parnaíba um conto e cem

O tambor me chamou, pra firmar no terreiro

Em cada verso, sentimento verdadeiro

Bordei um país de felicidade

Na voz da minha Mocidade

Sou dessa terra
Filho da garoa fina
Onde a dura poesia, me fez arlequim
Retalho de um delírio insano
Sagrado e profano, por tantos Brasis
Trilhando caminhos de crença e paz
Dourado é teu chão, oh Minas Gerais!
Eu vi no traço genial
A arte barroca, um dom divinal

Jangadeiro, ê, no banzeiro
No balanço navego teu rio-mar
Pra conhecer o teu sabor Marajó
Tem batuque na gira do Carimbó

Baque virado, marimba na congada
Noite enluarada, no Maracatu da Casa Real
Fechei o corpo no catimbó
No frevo, saudade só
Me embriaguei de carnaval
Oh, Brasília Desvairada
Onde a poesia fez Morada
De cada lembrança, escrevo a história
Batizada no samba de Pirapora

O tambor me chamou, pra firmar no terreiro
Em cada verso, sentimento verdadeiro
Bordei um país de felicidade
Na voz da minha Mocidade



VIVA MÁRIO DE ANDRADE!

Brinque o Carnaval

Texto de Maria Teresa Ferreira

Imagens por IA



A gente sente a proximidade do carnaval no ar, não sei vocês, mas por aqui tenho a sensação que até as buzinas já tocam no ritmo das marchinhas.

Aqui, o centro da cidade já está mais colorido, pois em todas as lojas se veem serpentinas penduradas no teto e, até o chão do açougue estava coberto de confetes.

Talvez o Carnaval seja mesmo a festa da carne.

Logo as ruas se tornaram um mar de gente e todos, todas e todes terão a liberdade de ser quem são, como são e da maneira que se sentem felizes em seu balançado, balançando no mundo.

Uma festa recheada de um punhado de delicadezas indecentes. A purpurina nos cobre e ilumina, as lantejoulas se sacodem penduradas em peito e tangas ou somente dão brilho as vergonhas desvestidas.

Ah o Carnaval, com seus amores que não sobem a serra ou que ficam nas férias ou que se desmancham nas areias do mar. Me diga aí, quem nunca? Sim, tem Carnaval que nos surpreende nove meses depois e desse lembramos por toda vida.

Aqui desenhando essa memória coletiva carnavalesca me pego pensando em tantos outros ritmos.

Sons que se ligam a espiritualidade, silêncios cultivados em retiros, longas caminhadas em meio a natureza.

Tenho cá pra mim que na verdade, essa tal "festa da carne" se traduz de muitas formas e em muitos espíritos, que se revelam no jeito de cada um vestir a alegria da vida.

Aí meus caros, todas as fantasias são validas, todas as músicas cabem, todos os ritmos são legítimos e todas as ruas podem e devem ser de todos.

Vista seu abadá, abra sua sombrinha, vá atrás do boi, do trio e dos bonecos. Se preferir ouça os pássaros, reze o terço e faça alongamentos.

O Carnaval é uma festa e como tal deve ser desfrutada com leveza e encantamento, mas valem algumas dicas pra ser bom pra todo mundo:

- NÃO É NÃO!



Maria Teresa Ferreira

Escritora e feminista negra. Psicanalista de base laciana, onde permite uma abordagem que entrelace gênero, raça e inconsciente. Palestrante das áreas de gênero e raça. Educadora social estudiosa das relações raciais na sociedade.



” Nesse contexto, porém, uma importante questão vem à tona: que espaço ocupa a cultura negra no Carnaval paulistano? ”



” Carnaval, festa dos sentidos.
Festa para o corpo.
Tempo que antecede a quaresma. ”
Agora, tudo é carne; depois, tudo ao espírito.

” É que no Carnaval não compramos sonhos disponibilizados em uma prateleira, nós sonhamos, planejamos e então, quando percebemos, estamos apenas dando vida a eles. ”